

A EXPERIÊNCIA SINESTÉTICA E A MEMÓRIA EM PROPOSIÇÕES ARTÍSTICO-EDUCATIVAS EM DANÇA

Álvaro Bartolomeu Barauna Neto ¹
Lúcia Helena Alfredi de Matos ²

Este resumo, refere-se ao relato de parte da experiência vivenciada na Residência Pedagógica da UFBA (Edital CAPES, 2022), no Núcleo 2 de Dança, tendo como docente-orientadora a professora Lúcia Matos e acompanhamento da preceptora Maria Fernanda Azevedo, cujas práticas pedagógicas estão sendo desenvolvidas na Escola Municipal Artur de Sales, localizada no bairro do Alto da Santa Cruz, em Salvador – Bahia.

O Núcleo 2 de Dança tem como foco a abordagem da aprendizagem inventiva (Kastrup, 2001) e da diferença na dança (Matos, 2014), visando um ensino de forma inclusiva e anticapacitista. Para este relato, como bolsista CAPES da Residência Pedagógica, revisto o planejamento pedagógico e os registros dos relatos de campo, denominamos como Relatos Performativos pelo Núcleo 2, com o propósito de construir uma ação reflexiva sobre meu processo de formação docente.

Início essas atividades em novembro de 2022, em um momento de transformação político-social do país, saindo tanto de um governo de extrema-direita, que agiu com descaso com a população brasileira e incentivou atitudes preconceituosas, como machismo e a misoginia, quanto de todas as consequências geradas pela crise mundial pandêmica da COVID-19 que, dentre outros aspectos, ocasionou nos processos pedagógicos o uso excessivo das telas, a contenção do corpo, bem como desvelou a falta de estrutura de muitas famílias para oferecer o necessário suporte aos processos pedagógicos das crianças durante o período de isolamento social. Todos esses aspectos influenciaram no retorno às atividades presenciais na escola e, por consequência, nas aulas da disciplina Dança, da rede municipal de Educação de Salvador.

Para este relato foco nas atividades e experiências relacionadas a processos de socialização, percepção e de atenção ao movimento, feitas na turma do 2º ano, turma B, do Ensino Fundamental da Escola Arthur de Sales. Assim, este relato está circunscrito à segunda unidade do ano letivo de 2023, cujos objetivos de aprendizagem abordaram leituras de si e do mundo e arte como construção de identidades.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Bahia - UFBA, alvaro.bart@live.com;

² Professor orientador: Pós-doutora em Estudos em Dança/ Doutora em Artes Cênicas, UFBA, luciamatos@ufba.br.

As atividades pedagógicas propostas, exploraram as experiências sinestésicas que acionem a percepção de si, utilizando-se de dois recursos: o recurso didático construído para esta unidade e uma experiência multissensorial com frutas. Para tanto, compreendemos que a experiência sinestésica, através do sistema sensório-perceptivo, segundo Bergantini (2019) pode ser abordada em relação ao seu viés mnêmico, ou seja, da memória, e das relações estabelecidas por cada pessoa.

Vale ressaltar que a construção do material didático foi um desafio proposto pela docente-orientadora do Núcleo 2 a todas as pessoas residentes, visando com que, além da exploração dos conteúdos de dança no corpo, criássemos um material que favorecesse um processo de aprendizagem inventiva nas aulas de dança. A aprendizagem inventiva é um dos pressupostos abordados pelo Núcleo 2 para problematizar os processos de aprendizagem, favorecendo momentos de ruptura dos hábitos cognitivos, abrindo espaço para a criação, bem como outros modos de percepção de si e de mundo.

Para o primeiro momento da atividade de experiência perceptiva, foi apresentada às crianças uma caixa surpresa, feita de papelão, quase completamente fechada com apenas três aberturas que, por sua vez, dividem a caixa, criando nichos, contendo um objeto específico em cada um deles. Os alunos foram vendados, um a um, e instigados a tocarem na caixa e nos objetos, para adivinharem quais os objetos estavam na primeira e segunda porta, usando o tato como força motriz da descoberta, através da percepção dos formatos, texturas, sensações e intensidade de contato com os objetos (laranja, cabelo postiço, bolsa de gel, algodão e bucha).

A terceira porta, por sua vez, trouxe um objeto que aguçava a experiência olfativa, sendo nele encontrado pó de café e cascas de tangerina, trabalhando o olfato como estímulo para a memória. "Lembra a minha avó", "eu gosto desse cheiro" são algumas das frases ditas por esses alunos durante a experimentação destes cheiros, conectando a prazeres e até lembranças de familiares e pessoas que poderiam ser relacionadas àquele cheiro.

A segunda proposta pedagógica foi estruturada como um jogo de perguntas sobre o que são os sabores e que sensações e movimentos esses sabores trazem ao nosso dia, além da relação de sentir "sabores" em momentos outros, que não a alimentação, como o quanto é amargo ficar de castigo, doce quando está brincando com os colegas e nas suas aulas favoritas. Após essa experiência corporal, passamos para o refeitório da escola e, novamente, bloqueando o sentido da visão dos alunos, fizemos com que eles experimentassem frutas com diversos sabores, texturas e temperaturas, sendo elas manga, tangerina, banana, acerola, uva, goiaba e mamão. Usando da memória gustativa para ativar o paladar, incentivamos que os alunos realizassem ações de movimento em relação aos sabores, tanto pelo atrativo quanto pela repulsa ao sabor e

textura, sendo dada uma fruta diferente a cada criança e questionando as suas referências enquanto a experiência, como que tipo de sabor seria aquele e qual fruta seria. Essa experiência passou por quatro rodadas, com as crianças vendadas e, assim, segue para um momento posterior, sem as vendas, onde os mesmos primeiro escolhiam as frutas e depois comiam frutas que não haviam provado, sendo ainda instigadas a relacionar movimentos no seu corpo em relação aos sabores e as novas sensações.

Foi nessa atividade que, uma criança com transtorno de espectro autista, que só comia banana e maçã por conta das cores e medo da sensação de outros sabores, permitiu-se experimentar outras frutas, incentivado pelo prazer de perceber as reações das outras crianças, em relação as suas expressões faciais e sonoras, enquanto provavam as frutas, permitindo-se participar daquele momento com o coletivo e dizendo frases como "gostaria de provar mais frutas diferentes para conhecer os gostos". Além disso, creio que a experiência feita no coletivo, a partir da diversidade de cores, cheiros e formas presentes na bandeja de frutas, possibilitou que as crianças estabelecessem novas relações entre o gostar e o não gostar, entendendo também que está tudo bem não gostar de algo e não querer fazer algo que não gosta.

Com essas experiências creio que, nas aulas de dança, potencializamos o desenvolvimento das habilidades sensório-perceptivas, cognitivas e motoras desses alunos, ativando os sentidos como percepção não somente de si, mas do outro e de mundo. Assim, essas proposições criaram nexos com os estudos da terceira unidade, propostos para os alunos da terceira série, favorecendo a aprendizagem inventiva via experiências sensório-perceptivas, que ativaram relações interpessoais e da singularidade de cada um.

Palavras-chave: Dança; Aprendizagem inventiva, Inclusão, Memória, Percepção sinestésica.

REFERÊNCIAS:

BERGANTINI, L. P. Sinestesia nas artes: relações entre ciência, arte e tecnologia. ARS, São Paulo, v.17, n.35, p. 225-238, jan. 2019.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. PSICOLOGIA EM ESTUDO, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/NTNFsBzXts5GHp4Zk8sBbyF/abstract/?lang=pt>

MATOS, Lúcia. **Dança e diferença:** cartografia de múltiplos corpos dançantes. (2ed.). Salvador: EDUFBA, 2014.